

ARQUITETURA VERNACULAR: DA TRADIÇÃO À CONTEMPORANEIDADE

ANTONIO ALVES¹; KAROLAEN ARMINDO²; ROBERTA M. DOLEYS SOARES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – tonigabrieljunior@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - karolaen.a@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - soares.roberta@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Diante dos desafios ambientais e sociais contemporâneos, especialmente do aumento dos eventos climáticos extremos, torna-se imprescindível repensar as formas de construir. Nesse cenário, a arquitetura vernacular surge como referência importante, pois reúne soluções adaptadas ao ambiente natural, ao contexto cultural e ao uso consciente dos recursos disponíveis. Assim, este trabalho tem como objetivo discutir o vernáculo e suas possibilidades de aplicação, analisando os recursos empregados nessa abordagem e destacando sua relevância para a arquitetura contemporânea.

2. METODOLOGIA

A metodologia caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória, de abordagem teórica, fundamentada em revisão bibliográfica (Gil, 2002). Foram analisados artigos, livros e dissertações acerca da arquitetura vernacular, permitindo desenvolver um raciocínio crítico sobre as transformações observadas ao longo do tempo e a relevância desse tipo de arquitetura na contemporaneidade.

3. DO VERNÁCULO À SUSTENTABILIDADE

Através do conhecimento que se pode considerar empírico, transmitido por gerações que não necessariamente catalogaram esse saber, a arquitetura vernacular se mostra como o ato primário decorrente da necessidade de se proteger do ambiente externo e hostil ao ser humano (Caldatto, 1999).

Ao analisar seu entorno, o homem, ao longo do tempo, qualificou seus modos construtivos ao ponto de absorver a natureza ao redor em suas construções, criando ambientes integrados com o entorno, como destacam Corbella e Yannas (2003), e com notável desempenho climático, já que, desenvolvidos em específico para o local, suas obras tiveram uma linha evolutiva que acompanhou e se adaptou ao clima do lugar em questão. A arquitetura vernacular torna-se especializada no conceito de adequação e qualificação ambiental, proveniente de materiais simples e de fácil acesso às comunidades.

Com relação à arquitetura dita “popular”, compreende-se que ela tem maior correspondência com o indivíduo autor da obra, ou seja, vincula-se com a situação socioeconômica da população ligada à construção. Já a arquitetura vernacular refere-se ao modo construtivo, aos processos de obtenção da matéria-prima e, sobretudo, à transmissão e origem do conhecimento técnico empregado.

A origem da construção vernacular no Brasil, marcado por sua diversidade cultural, resulta da atuação de diversos agentes, configurando o que se pode chamar de “arquitetura vernacular brasileira”. Este estudo concentra-se em duas matrizes formadoras, com diferentes variações: a indígena e a luso-brasileira, ambas de grande importância para o vernáculo nacional.

Considerando a extensão continental do Brasil, destaca-se a presença de técnicas construtivas semelhantes na chamada arquitetura primária, especialmente nas habitações indígenas, como descrevem Almeida e Yamashita (2013). Há várias formas e tamanhos dessas habitações que nos revelam a relação de diferentes aldeias com suas necessidades e expressões sociais, mas para além disso, demonstram a capacidade de determinada população de integrar harmoniosamente sua construção ao ambiente.

À vista disso, Berta (1986) aponta que a construção indígena apresenta, essencialmente, o uso da vegetação em suas edificações. Os troncos das árvores, mais robustos, são usados na estruturação, enquanto os galhos mais esbeltos e flexíveis se contornam na formação das coberturas e estruturas de apoio aos fechamentos verticais. Os revestimentos são com folhagens, apresentando diferentes trançados para a vedação e amarração da estrutura do edifício.

Outra matriz do que se conhece como vernacular brasileiro é a construção colonial, resultado da intersecção das características construtivas dos povos europeus, em especial os portugueses. Sob uma lógica colonizadora de imposição cultural, essa população trouxe técnicas já desenvolvidas para outro ambiente e clima, sendo necessária a adaptação aos materiais e condições brasileiras (Peixoto e Oliveira, 1970).

Para os portugueses, esse processo foi parcialmente facilitado pela utilização de técnicas semelhantes às da Europa. Entretanto, a escassez de mão de obra qualificada e o alto custo de métodos construtivos de alto padrão levaram ao desenvolvimento de construções mais robustas, utilizando a terra como matéria-prima (Vasconcellos, 1979; Bruand, 1981).

O adobe constitui-se em uma alvenaria feita com tijolos de barro, cujas peças podem ser produzidas artesanalmente de forma individual — prática comum no período inicial da colonização portuguesa — ou, ainda, por meio de processos semi-industriais.

Diferente da alvenaria, a taipa, de acordo com Vasconcelos (1979), possui paredes monolíticas de terra podendo apresentar estruturação interna de madeira ou não. A taipa-de-mão recorre a uma estrutura interna que fortifica as vedações verticais, já no caso da taipa-de-pilão o barro é posto em formas e socado com um pilão para prensar e dar maior rigidez aos fechamentos. Essa técnica apresenta paredes de maiores espessuras para um melhor desempenho estrutural da edificação.

A diversificação de materiais e a produção em massa dominaram o mercado sem grandes críticas até meados do século XX. Nas décadas de 1960 e 1970, as primeiras crises energéticas expuseram os limites do consumismo desenfreado (Toscano, 2010), levando a uma reflexão mais cuidadosa sobre os impactos ambientais da construção civil. Na década de 1980, surge o conceito de sustentabilidade, buscando técnicas construtivas que preservem a qualidade de vida das gerações futuras (Bruntland, 1987).

Com isso, o homem passou a incorporar em seus projetos tecnologias mais inteligentes, buscando o menor impacto ambiental, como energias renováveis e edifícios energeticamente eficientes. Essa revolução tecnológica ocorreu em paralelo

ao surgimento da arquitetura contemporânea, com atenção à adequação ambiental (Ghirardo, 2002; Bruand, 2008). Atualmente, a construção sustentável é cada vez mais discutida, priorizando materiais ecológicos, seguros e tecnológicos que preservem o meio ambiente.

Coelho (2006) destaca aspectos essenciais para unir sustentabilidade e qualidade construtiva, como o uso de mão de obra local, custo acessível, execução simples, matéria-prima regional e reciclagem de resíduos. Esses princípios refletem a arquitetura sustentável e representam uma tendência contemporânea, ao promover edificações confortáveis e energeticamente eficientes.

Nesse sentido, ao relacionar a arquitetura vernacular à sustentável, percebe-se que o vernáculo se refere a uma forma de construir de origem regional, utilizando recursos naturais disponíveis no entorno. Já a arquitetura sustentável não está vinculada a uma técnica ou material construtivo específico. Seu alcance depende da elaboração de um projeto conduzido por uma equipe multidisciplinar, que, em todas as etapas da obra — concepção, gestão, construção e operação — busca minimizar os impactos ambientais.

Projetos contemporâneos (Figura 1), como residências na Serra da Mantiqueira, exemplificam a integração entre técnicas vernaculares (taipa, madeira de demolição, integração com o entorno) e princípios de sustentabilidade.

Figura 1- Edificações contemporâneas com as características do estudo



Fonte: Piva Arquitetura (2022).

7. CONCLUSÃO

O estudo abordou a origem e as técnicas da arquitetura vernacular buscando aprofundar os conhecimentos para promover uma reflexão com a contemporaneidade. Assim, compreende-se que resgatar conhecimentos e técnicas construtivas regionais em diálogo com a natureza e aliados a aspectos socioculturais, tecnológicos e sustentáveis, constitui um importante caminho para a arquitetura atual.

Essa perspectiva permite vincular as necessidades urgentes de preservação ambiental a programas construtivos acessíveis à população.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C; YAMASHITA, A. **Arquitetura Indígena**. Revista de Ciências Exatas e da Terra. Dourados: UNIGRAN, 2013.

BERTA, Ribeiro G. **Suma etnológica brasileira: tecnologia indígena**. Editora Vozes, 1987.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Our common future: The World Commission on Environment and Development**. Oxford: Oxford University, 1987.

CALDATTO, Ney. **Arquitetura vernácula latino-americana: Litoral do Cone Sul**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

COELHO, Ana Cristina. **As técnicas vernaculares de construção aliadas à inovação tecnológica: um possível caminho para a sustentabilidade?** In: TERRA BRASIL, 1, 2006, Ouro Preto. Proterra, 2006, p. 335 - 346.

CORBELLA, Oscar; YANNAS, Simos. **Em Busca de Uma Arquitetura Sustentável Para os Trópicos**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

GHIRARDO, Diane. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

PEIXOTO, Gustavo Rocha; OLIVEIRA, Beatriz. **Persistência e Evolução da Habitação Tradicional**. Lisboa: XXIX Congresso Luso-Espanhol, 1970.

PIVA, Ricardo. *Edificações contemporâneas com as características do estudo*. 2006;2022. 4 fotografias. Disponível em: <
https://www.instagram.com/r_pivaarquitectura?igsh=MjVsdHRweXVnajRh >. Acesso em: 08 de agosto de 2025.

TOSCANO, Daniella Maria B. **A influência do Sistema Petrobras sobre a Ação externa do governo de Ernesto Geisel (1974-1979)**. Curitiba: Editora Juruá, 2010.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos**. Belo Horizonte: UFMG, 1979.